

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO REGIONAL E URBANO – UFRJ
ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E USO DO SOLO
TRABALHO FINAL - 2006
ORIENTADOR: JORGE NATAL

Monografia muito boa.
Nota: A

Tomie Friedman

Participação do governo estadual nos investimentos industriais no Estado do Rio de Janeiro de 1997 a 2005

Clarice Antoun Martinho

APRESENTAÇÃO

Após a conclusão do curso de graduação em economia com o tema de monografia *O Esvaziamento Econômico do Rio de Janeiro e a Fusão de 1975* (2006), permaneceu a motivação para estudar o Estado do Rio de Janeiro, o que despertou interesse pelo curso de especialização no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, e pelas pesquisas do Doutor em Economia pela UNICAMP e Professor do IPPUR/UFRJ, Jorge Natal. O Estado do Rio de Janeiro, formado recentemente pela Fusão de 1975, enfrentou na década de 1980 uma grande crise econômica e social, mas que em meados dos anos 1990 teria dado uma melhorada, sofrendo uma chamada por Natal (2005) de “inflexão econômica positiva”. Partindo de um discurso dos últimos governos do estado, de que, o governo do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), estaria atuando de maneira intervencionista, como se o governo estadual fosse o responsável pelo crescimento apresentado a partir de meados de 1990, a motivação do trabalho é analisar em que medida há participação do governo estadual no crescimento econômico dos últimos anos, na medida em que a “força do capital internacional” tem pressionado a adoção de políticas neoliberais.

?!

uma que fazemos

INTRODUÇÃO

Após a crise da década de 1980, denominada década perdida, a década de 1990 caracteriza-se pela adoção dos governos brasileiros do pacote neoliberal definido pelo Consenso de Washington, que basicamente propõe uma série de medidas liberalizantes focando a redução da intervenção do Estado na economia – Estado mínimo. Situada no Estado do Rio de Janeiro a ex-capital da Colônia, do Império e da República, a cidade

?!
1990 a partir de meados do século XVIII

do Rio de Janeiro, certamente uma região historicamente ligada à vida política e econômica nacional não só não ficaria de fora do processo, como sofreria intervenções diretas do mesmo. Explicando: as privatizações de empresas brasileiras atingiram diretamente o Estado do Rio de Janeiro (ERJ) pela existência de empresas estatais federais no estado, assim como de estatais estaduais.

*cidade
7
7
7*

Frente a esse quadro geral, declarações do governo estadual nos últimos sete anos (governo Anthony Garotinho 1999-2003 e Rosinha 2003-2006) assinalam um discurso de governo estadual interventor e nacional-desenvolvimentista, ao passo que nos últimos dez anos a economia fluminense voltou a apresentar uma trajetória positiva (pelo menos comparada aos 20 anos anteriores). O objetivo deste trabalho é verificar qual a participação do governo estadual no crescimento econômico do estado. Como já existe em trabalhos anteriores do IPPUR¹ uma análise dos setores de infra-estrutura e construção civil, o foco, o objeto do trabalho são os investimentos industriais (setor Indústria de Transformação) previstos entre os anos de 1997 e 2005, no Estado do Rio de Janeiro, a partir de informações de documentos da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) voltados para o segmento empresarial.

?
?
previsões
*o grau de
investid
+ previsões*

A metodologia do trabalho consiste em partir de constatações empíricas, formuladas através de informações dos Documentos Decisão Rio de 1997, 1999 e 2003, fazendo um levantamento de dados, de decisões e previsões de investimentos por diversas empresas descritas ao longo da região fluminense.

O trabalho está dividido em duas seções. Na primeira seção cumpre somente fazer constatações e levantamento de dados e tabelas. Primeiramente verificando como os montantes de investimento se distribuem por grupos de empresas (consórcios, estrangeiras e nacionais). Em seqüência verifica-se como esses investimentos se distribuem pelos municípios, quais regiões do estado contempladas. Na segunda seção se faz uma tentativa de analisar esses resultados contextualizando-os na economia fluminense e nacional. Por último as Considerações Finais.

¹ Livro do Professor Jorge Natal publicado em 2005: Estado do Rio de Janeiro Pós 95. Rede Urbana, Dinâmica Econômica e Questão Social.

SEÇÃO 1: AS EVIDÊNCIAS, O FENÔMENO.

Neste primeiro momento do estudo em questão serão expostas algumas evidências sinalizadas a partir da análise de três documentos da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro - Decisão Rio 1997-1999; Decisão Rio 1999-2001; Decisão Rio 2003-2005. Estes documentos mostram as decisões de investimentos econômicos para cada triênio. O foco da pesquisa são os investimentos previstos no setor industrial, através do levantamento de dados do montante previsto de investimento industrial por cada empresa (as que pretendiam investir os maiores valores em dólar), dados do país de origem dessas empresas, e ainda da localização do investimento no estado do Rio. Com isso pretende-se verificar em relação ao montante e em relação ao país de origem das empresas, qual a proporção de investimentos que são de empresas brasileiras versus empresas estrangeiras. Além disso, pretende-se constatar também onde as empresas localizam os investimentos no estado, ou seja, a dimensão espacial do processo.

como?

Para melhor entendimento, a seção está organizada em duas subseções. Na subseção 1.1 serão levantados os montantes em dólar e será feita a proporção de empresas brasileiras, estrangeiras e consorciadas. E na 1.2 a divisão espacial, quais os municípios e regiões contemplados por tais decisões de investimentos.

1.1) Montante de Investimento e País de Origem

O número de empresas consideradas no período 1997-1999 foi de trinta e um, no período 1999-2001 de quarenta e um e em 2003-2005 dezoito². Quanto ao total de investimentos previstos, o maior valor foi do segundo triênio – US\$ 5.318.809 mil – enquanto no primeiro triênio foi US\$ 4.306.000 mil e no terceiro US\$ 1.598.864 mil, totalizando para o total do período 1997-2005 uma previsão de investimentos industriais no Estado do Rio de Janeiro de US\$ 11.223.673 mil.

Para atingir o objetivo desse trabalho, foi necessário levantar as informações quanto ao país de origem de cada empresa (ver a relação completa no anexo). Sinteticamente montou-se uma tabela (tabela 1) contendo os valores absolutos de

² Na verdade foram consideradas no trabalho, somente as empresas e investimentos discriminados nos documentos. No período de 1997-1999, por exemplo, são 83 empresas em investimentos industriais, mas somente 31 estavam discriminadas (pois equivalem aos investimentos mais significativos). As 52 restantes correspondiam a investimentos pouco significativos.

qual foi o critério adotado nos documentos?

previsão de investimentos em dólar, de acordo com três categorias em que as empresas foram agrupadas: empresas consorciadas, que são os consórcios compostos por grupos empresariais estatais, privados nacionais e / ou estrangeiros; empresas de origem estrangeira de diversos países; empresas de origem brasileira; e as que não tiveram a origem identificada, porque a informação não foi encontrada ou detectada.

**Tabela 1: Investimentos Previstos de acordo com o país de origem
1997 / 2005 - em US\$ mil**

Investimentos Previstos (US\$ mil)	1997-1999	1999-2001	2003-2005	TOTAL (US\$ mil)
TOTAL	4.306.000	5.318.809	1.598.864	11.223.673
Consoiciadas	2.115.000	2.340.000	969.594	5.424.594
Estrangeiras	1.668.000	2.247.687	390.065	4.305.752
Brasileiras	425.000	675.964	223.768	1.324.732
Não identificadas	98.000	55.158	15.437	168.595

Fonte: elaborada pelo autor a partir de dados FIRJAN - Decisão Rio (1997, 1999 e 2003).

qual autor?

Nota-se que, para os três períodos considerados, os valores de previsão de investimento mais altos são os dos Consórcios, sempre seguidos da soma dos montantes das empresas estrangeiras, e por último pelas brasileiras. Infelizmente há uma pequena parcela das não identificadas, mas que não interferem na análise geral. No terceiro triênio os valores se reduzem consideravelmente para todos os grupos. Para melhor entendimento e visualização em termos de comparação da participação de cada agrupamento nas decisões de investimentos, têm-se os valores percentuais na tabela 3 abaixo:

Tabela 2: Participação das empresas, de acordo com sua origem, no total dos investimentos previstos – em % - 1997 / 2005

Participação % no total de Invest. Previstos	1997-1999	1999-2001	2003-2005	TOTAL
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Consoiciadas	49,12%	43,99%	60,64%	48,33%
Estrangeiras	38,74%	42,26%	24,40%	38,36%
Brasileiras	9,87%	12,71%	14,00%	11,80%
Não identificadas	2,28%	1,04%	0,97%	1,50%

Fonte: elaborada pelo autor a partir de dados FIRJAN - Decisão Rio (1997, 1999 e 2003).

*→ participação aumentou
+ participação
apenas
diminuiu*

Considerando como universo de 100% a soma dos investimentos previstos de todas as empresas (inclusive das não identificadas), vê-se claramente que a posição de cada grupamento, como um ranking, é a mesma em todos os períodos e no total dos períodos. As consorciadas são as que têm maior percentual nos três períodos, as estrangeiras são as segundas colocadas nos três e sempre seguidas das brasileiras em terceiro. Ou seja, a composição do investimento tem praticamente a mesma “cara” nos três períodos, com apenas algumas variações. No terceiro período ocorre uma concentração ainda maior do que nos demais, da participação das consorciadas (60,64%), mais da metade dos investimentos previstos. Em compensação, quem tem uma participação reduzida são as estrangeiras, embora ainda sim sejam mais significativas que as brasileiras. Para o total, de 1997 a 2005, os consórcios correspondem à metade da composição, as estrangeiras tem uma participação considerável de quase 40% e as brasileiras, embora tenham alguma presença, estão bem abaixo das demais.

*para ?
(ver tabela 2)*

Destrinchando um pouco mais esses números, observa-se a tabela 3 abaixo:

Tabela 3: Relações de soma e diferença entre os investimentos previstos para as empresas, de acordo com sua origem – 1997 / 2005 - em US\$ mil

Diferenças e somas dos Investimentos Previstos (US\$ mil)	1997-1999	1999-2001	2003-2005	TOTAL
(I) Consor - Estrang	447.000	92.313	579.529	1.118.842
(II) Consor - Estrang - Bras	22.000	-583.651	355.761	-205.890
(III) Estrang - Bras	1.243.000	1.571.723	166.297	2.981.020
(IV) Consor+ Estrang	3.783.000	4.587.687	1.359.659	9.730.346

Fonte: elaborada pelo autor a partir de dados FIRJAN - Decisão Rio (1997, 1999 e 2003).

Os resultados acima são variados. Ora as consorciadas têm números bem acima, ora apresentam apenas pouca diferença ou até variação negativa, conforme a o resultado da diferença das consorciadas menos estrangeiras e menos brasileiras para o período 1999-2001. E é esse resultado que “puxa” o número negativo da diferença para o período TOTAL (US\$ -205.890 mil). Mas o que interessa para esse trabalho mais precisamente são os resultados da linha três (III) e da linha quatro (IV). Porque é através desses números que se observa a predominância dos valores dos investimentos realizados pelas consorciadas e estrangeiras vis a vis as empresas brasileiras. De acordo com a linha III os investimentos das empresas estrangeiras excedem os das empresas

brasileiras numa quantia significativa de US\$ 1.243.000 mil para 1997-1999. Este valor sobe em 1999-2001 para US\$ 1.571.723 mil. Em 2003-2005 essa diferença cai para US\$ 166.297 mil, no entanto para o total dos três períodos as estrangeiras prevêem investir US\$ 2.981.020 mil a mais do que as brasileiras. Lembrando que o investimento total previsto para os três períodos somados é de US\$ 11.223.673 mil. A linha IV também parece interessante de constatar na medida em que trata da soma dos investimentos das consorciadas e das estrangeiras, o que sinaliza a porcentagem conjunta das duas. Quer dizer, para o período 1997-1999, as duas somadas prevêem US\$ 3.783.000 mil, lembrando de um total de US\$ 4.306.000, o que significa 87,85% do total. No segundo triênio a soma das duas sobe para US\$ 4.587.687 mil, o que significa 86,25% do total de US\$ 5.318.809 mil. E o mais relevante vem do terceiro triênio 2003-2005: embora a soma seja menor, US\$ 1.359.659 mil, a porcentagem do total continua praticamente no mesmo patamar – 85,04% de US\$ 1.598.864 mil.

Feitos os levantamentos dos resultados, dos cortes escolhidos de acordo com os valores de investimentos previstos e do país de origem das empresas, conclui-se a primeira parte dessa seção - 1.1 - de constatações que serão analisadas na seção 2.

1.2) Localização dos Investimentos

As decisões de localização dos principais investimentos industriais no Estado do Janeiro, conforme será visto a seguir, contemplaram alguns municípios ao longo de suas regiões. Seguindo a divisão regional do estado utilizada pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), será feita uma breve detecção do fenômeno espacial dos investimentos industriais.

Embora o Estado do Rio tenha noventa e dois municípios, ao longo do período 1997-2005 somente vinte e três municípios estão na lista dos contemplados, ou seja, um quarto do total. Em número de empresas o município que mais se destaca é o Rio de Janeiro, a capital do estado. No primeiro triênio o Rio tem onze empresas com decisão de investir; no segundo triênio são doze e no terceiro, sete. A tabela 5 resume o número de empresas por período e por município:

Tabela 4: Número de empresas que decidiram investir no setor industrial, por período e por município

Localização - municípios	1997-1999	1999-2001	2003-2005
Rio de Janeiro	11	12	7
Duque de Caxias	4	3	2
Queimados	3	3	-
Resende	2	2	2
Volta Redonda	2	2	1
Porto Real	2	2	-
Belford Roxo	2	2	0
Campos	0	2	1
Niterói	1	2	0
Cantagalo	1	1	1
Petrópolis	2	1	0
São Gonçalo	0	1	1
Itatiaia	0	2	0
Barra Mansa	0	1	1
Nova Iguaçu	1	1	0
Magé	0	1	1
Cachoeiras de Macacu	0	1	0
Piraí	0	1	0
Angra dos Reis	0	1	0
Itaboraí	0	0	1
Rio Bonito	0	1	0
Mangaratiba	0	0	1
Arraial do Cabo	0	1	0
TOTAL*	31	43	19

Fonte: elaborada pelo autor a partir de dados FIRJAN - Decisão Rio (1997, 1999 e 2003).

(*) No somatório de empresas para 1999-2001 43 está excedendo em 2 número total de empresas analisadas no período, 41, porque uma foi contabilizada três vezes por ter seus investimentos divididos por 3 municípios (Estaleiro Mauá abrange Rio, São Gonçalo e Niterói). O mesmo acontece para o terceiro triênio (2003-2005), quando uma empresa está contabilizada a mais pelo mesmo motivo (Holcim abrange Cantagalo e Magé).

Contudo, mais relevante do que a simples comparação do número de empresas por município, é levantar informações quanto ao montante de investimento previsto por município. Dessa forma, é possível observar que, embora o Rio de Janeiro, a capital, tenha um dos maiores montantes, Volta Redonda, Duque de Caxias e Porto Real são os primeiros da lista de valores mais altos de investimentos previstos. E municípios como Resende, Queimados, Belford Roxo e Barra Mansa vêm logo abaixo do Rio de Janeiro. (Ver Anexo)

Agrupando as decisões de investimento por região, o que se verifica é uma enorme predominância da região Sul Fluminense (segundo a divisão regional da FIRJAN - Ver Anexo) bem acima das demais, logo seguida da região da Baixada Fluminense.

Tabela 5: Montante de Investimentos Industriais previstos por regiões do Estado de Janeiro, 1997 / 2005 – em US\$ mil

Localização - REGIÕES	1997-1999	1999-2001	2003-2005	TOTAL
Sul	2.200.000	2.662.412	750.448	5.612.860
Baixadas	1.145.000	1.392.120	684.931	3.222.051
Capital	855.000	690.544	125.855	1.671.399
Leste	20.000	464.000	17.094	501.094
Centro Norte	50.000	45.000	-	95.000
Norte	-	44.158	10.736	54.894
Serrana	-	20.575	-	20.575

Fonte: elaborada pelo autor a partir de dados FIRJAN - Decisão Rio (1997, 1999 e 2003).

Obs1: não há previsão nos documentos de investimentos para a região noroeste.

Obs2: No primeiro e no segundo triênio Angra dos Reis fazia parte da região das Baixadas, e no terceiro passa a ser incorporada pela região Sul.

Obs3: Para o período 1999-2001 há um investimento previsto, de US\$ 400.000 mil pelo Estaleiro Mauá Jurong, que abrange três municípios, Rio de Janeiro (capital) e Niterói e São Gonçalo (leste). O valor contabilizado foi de metade para cada região. Essa escolha foi arbitrária pela autora.

O município de Volta Redonda, que faz parte da região Sul, tem sob a liderança da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) a previsão do maior montante de investimento (US\$ 2.950.000 mil) de 1997 a 2005. Em segundo lugar aparece Duque de Caxias, da região das Baixadas, com previsão de US\$ 2.487.849 mil, seguido de Porto Real, novamente região Sul, com US\$ 1.620.000mil. E em quarto a cidade do Rio de Janeiro com US\$ 1.471.399 mil (Ver Anexo).

*com tipo
de empresa
idem*

Esta seção 1 apontou resumidamente para a predominância dos investimentos das empresas consorciadas e das empresas estrangeiras sobre as nacionais no período de 1997-2005 a partir de dados da FIRJAN. Estes investimentos estão localizados concentradamente na capital (município sede), na região Sul e na região das Baixadas.

Cumprindo agora com a seção 2 analisar estes resultados através de uma articulação com o contexto da economia fluminense nos últimos anos, que está inserida por sua vez num contexto nacional e internacional.

SEÇÃO 2: CONTEXTUALIZANDO

A década de 1980 no Brasil caracterizou-se pela estagnação econômica, pela hiperinflação e pela crise social, decorrentes da crise do padrão de financiamento do crescimento econômico dos anos anteriores, que fora calcado num amplo endividamento externo. Esse quadro nacional teve amplo rebatimento na região fluminense, que apresentou taxas de crescimento negativas. Somente a partir de meados

dos anos 1990 o produto interno bruto (PIB) do Estado do Rio de Janeiro voltou a ter um desempenho melhor.

Além disso, pode-se dizer que a crise econômico-social da década de 1980 abriu espaço para soluções liberais-conservadoras “sugeridas” pelos países centrais, principalmente pelos Estados Unidos da América - um pacote de medidas neoliberais, o Consenso de Washington, que em alguma medida penetrou na política econômica brasileira e no Estado do Rio de Janeiro.

*pelos países
centrais
morou da fi-
nança ma-
to*

Frente a isso, esta seção propõe uma discussão acerca da economia brasileira e da fluminense nas últimas duas décadas e analisar em que medida os resultados obtidos na seção 1, se relacionam com o contexto econômico. A seção 2 está dividida em subseções: na 2.1 pretende-se somente resgatar brevemente a crise da década de 1980, e a recuperação em meados dos anos 1990; na 2.2 pretende-se analisar o fenômeno espacial.

2.1) Breve retomada das duas últimas décadas no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro

A década de 1980, conhecida como década economicamente perdida, registrou queda das taxas de crescimento do Brasil após longo período de crescimento econômico e industrial (1930-1980). O desenvolvimentismo, principalmente a partir dos anos 1950, foi calcado no tripé capital estatal, capital privado nacional e capital estrangeiro. Na década de 1970 com o primeiro choque do petróleo (1973) o governo militar manteve o crescimento via empréstimos internacionais, levando à explosão do endividamento. Esse padrão de financiamento brasileiro frente ao segundo choque do petróleo (1979), e frente ao aumento da taxa de juros norte americana derrocou na crise da dívida externa. O Estado brasileiro viu-se diante do estrangulamento da sua capacidade de pagamento da dívida, tanto que declarou moratória em 1982. As desvalorizações cambiais sucessivas levaram ao aceleração da inflação. A capacidade de investimentos do Estado estava esgotada, por isso a década de 1980 foi caracterizada por estagnação e hiperinflação.

A crise nacional tem rebatimentos no Estado do Rio de Janeiro, conforme descreve bem Natal (2005), quando analisa a crise fluminense na década de 1980. Segundo o autor caracterizava-se como uma crise, econômica, social e institucional, que se traduzia na falta de competitividade da indústria fluminense; na redução dos gastos

federais no estado; no agravamento da questão social (aumento do desemprego, da renda e crescimento da informalidade); nos conflitos entre as esferas de governo estadual e federal; e por último, também na perda de auto-estima da população, principalmente a carioca. O Rio de Janeiro tem na sua história traços de capital, já que foi capital por duzentos anos, isto significa que tradicionalmente é uma região com grande parcela de pessoas ocupadas no funcionalismo público, e que sofre diretamente com a crise nacional. Fora isso, quanto ao setor industrial, caracteriza-se por um perfil produtivo ligado ao mercado interno, o que tornou a indústria do estado sensível à variação da renda interna, ou seja, mais uma razão para um rebatimento da crise nacional: na década de 1980 o governo federal frente à crise fiscal financeira adotou políticas de contenção salarial e corte de gastos públicos, isto evidentemente prejudicou sobremaneira o Estado do Rio de Janeiro.

A década de 1990 foi marcada pelo advento do neoliberalismo nas políticas do país, embora já iniciadas no governo José Sarney na década de 1980, com o programa de desestatização das empresas federais, seguido por governo Fernando Collor de Melo (1990-1992), Itamar Franco (1992-1994), Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) e Luís Inácio Lula da Silva (2002-2006). O governo Collor encarregou-se da privatização de empresas do setor siderúrgico; o governo Itamar encarregou-se além da siderurgia, da privatização do setor petroquímico e de fertilizantes; e aos governos FHC ^{correspondem} “coube” os setores elétrico e financeiro (NATAL, 2006). Quanto ao Estado do Rio de Janeiro, em 1995 foi aprovada a Lei 2.470 pela legislação estadual estabelecendo os princípios do Programa Estadual de Desestatização (PED). Sob o governo de Marcelo Alencar foi permitido: vender o controle acionário de empresas de propriedade do estado; concessão e terceirização de serviços públicos; e extinção ou fechamento de empresas consideradas não necessárias para as funções relativas ao governo (FIRJAN, 1997, p.24). Foram desestatizadas empresas como a CEG, a CERJ, a Rio Gás, o Banerj, a Light, o Metrô, entre outros, sob várias formas de desestatização: privatização, venda do controle acionário, concessão de serviço, incorporação, reestruturação e liquidação.

A crise nacional e a crise do Rio perduraram até meados dos anos 1990, quando o mesmo autor atenta para a chamada “inflexão econômica positiva” da economia do Estado do Rio de Janeiro (NATAL, 2005). O estado teria sofrido uma reversão das expectativas (que estavam até então muito negativas), ocorrendo uma inflexão da trajetória declinante, porém não um espetacular crescimento econômico sustentado. A mudança teria tido como pano de fundo: no âmbito nacional o Plano Real com o

controle inflacionário; no âmbito municipal carioca, o governo César Maia com remodelação urbanística da cidade (Rio-Cidade e Favela-Bairro); no âmbito estadual, o governo Marcelo Alencar, do mesmo partido do Presidente da República, (Fernando Henrique Cardoso do PSDB). De uma forma geral os três governos obedeceram à lógica neoliberal com privatizações e redução do papel do Estado a somente indutor da atividade econômica. Foi realizada uma série de obras pela cidade do Rio visando à modernização de infra-estruturas para atrair capitais privados, o que injetou recursos no município gerando alguma dinamização na vida econômica. Outras medidas de redinamização econômica foram: a transferência de sedes de agências reguladoras de serviços públicos privatizados para o estado do Rio; investimentos das concessionárias nas rodovias; construção do parque gráfico do GLOBO; instalação da Peugeot-Citroen e da Volkswagen em Resende e da Guardian em Porto Real.

Entretanto, o destaque maior é em relação ao setor petróleo, que a partir de 1996 adquiriu grande participação na geração da riqueza social do estado. Isso gerou um notável resultado na composição setorial do PIB de 1996 a 2000, sendo o setor primário inexpressivo (cerca de 0,5% de participação), e havendo queda da participação do setor principal do Rio, o terciário (de 70,5% passa a 62,1%) em consequência do aumento da participação do setor secundário de 29% para 37,6%. Isso se deve em grande medida ao crescimento do setor petróleo. A produção de petróleo e gás natural do estado do Rio de Janeiro teve variação maior do que para o total Brasil nesse período. Das dez maiores empresas do estado em receita líquida, seis são do setor petróleo (NATAL, 2005).

2.2) A (des)concentração Industrial na Região Fluminense

A gênese do sistema capitalista e suas relações de produção no Brasil se deram no final do século XIX em São Paulo, a partir do complexo cafeeiro³. A partir de uma relação dinâmica gerada entre o café e a indústria paulista gerou-se acumulação de capital, quando as demais economias regionais no país tornaram-se complementares a economia paulista, líder industrial. O perfil industrial fluminense é essencialmente voltado para o mercado interno e tem um peso maior voltado para os bens intermediários. Até 1975, atraída pelo mercado consumidor, e pela economia induzida pelo gasto público, a indústria esteve mais concentrada no Rio de Janeiro, ex-capital

³ Economistas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) elaboraram no final dos anos 1970 a tese da explicação da gênese do capitalismo brasileiro.

federal e capital do Estado do Rio, e os benefícios decorrentes ficaram restritos, não se espalhando pelo interior (ARAUJO, 2005). O maior parque industrial do interior situava-se em Volta Redonda, por conta dos investimentos pesados da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) realizados pelo governo federal. Na Baixada Fluminense, região do antigo estado do Rio, porém próxima à capital, também havia um crescimento acelerado, por conta dos investimentos federais na REDUC, em Duque de Caxias. Assim, conforme assinala Araújo (2005):

“Não é difícil perceber a importância dos investimentos oriundos do governo federal na definição do mapa industrial do estado do Rio. Assim, consolidam-se como eixos dinâmicos da indústria fluminense três regiões claramente definidas: a própria capital; a região Médio Vale do Paraíba, com os referidos investimentos tocados pela CSN em Volta Redonda; e a Baixada Fluminense” (ARAUJO, 2005, p.22).

O período que seguiu até os anos mais recentes deu continuidade ao movimento de desconcentração industrial em direção ao interior. As reformas estruturais liberalizantes da economia brasileira e o processo de reestruturação produtiva foram fatores decisivos para explicar o desempenho da indústria fluminense, que esteve concentrada nos setores metalúrgico, químico e farmacêutico, setores que se modernizaram adotando novas tecnologias e novos métodos de organização do trabalho, resultando em técnicas poupadoras de mão-de-obra. Em 1993 a CSN foi privatizada, e a nova gestão embora tenha trazido ganhos de produtividade e produção, os empregos industriais foram reduzidos, justamente pela modernização adotada.

*de que modo
as reformas
não se refletiram
no desempenho...*

De acordo com dados mais recentes, de 1997 a 2005, demonstrados na seção 1, os municípios que apresentam previsão de investimentos maiores são:

- Volta Redonda (Região Sul Fluminense): US\$ 2.950.000 mil
- Duque de Caxias (Região das Baixadas): US\$ 2.487.849 mil
- Porto Real (Região Sul Fluminense): US\$ 1.620.000 mil
- Rio de Janeiro (Capital): US\$ 1.471.399 mil
- Resende (Região Sul Fluminense): US\$ 674.774 mil
- Queimados (Região das Baixadas): US\$ 220.000 mil

Esses resultados assinalam para a predominância da Região Sul, da Região das Baixadas e da Capital reiterando os antigos eixos centrais, de atração e concentração de investimentos, configurando assim uma “desconcentração concentrada” (PANALVA, apud NATAL, 2005, p.74). Embora não seja objeto de estudo nesse trabalho, relacionando as decisões de investimento industriais com as de infra-estrutura, de

acordo com os mesmos documentos da FIRJAN, é relevante sublinhar que uma série de investimentos está programada concentrada ao longo de duas rodovias: Rio-São Paulo e Rio-Juiz de Fora. Ao longo da Rio-São Paulo: CSN, Peugeot, Guardian, Volkswagen, White Martins, Metalúrgica Rhenn, Cimobras, Alcoa, Bergitex, Messer Grieshein, Bayer, entre outros (Volta Redonda, Resende, Porto Real, Duque de Caxias, Queimados, Capital); Ao longo da Rodovia Rio- Juiz de Fora: O GLOBO, Celma, Sola, Rio Polímeros, Rio Gás e Petroflex (NATAL, 2005, p. 77). Isso significa que, os investimentos previstos situam-se em dois eixos extremamente importantes economicamente, por envolverem os três centros econômicos mais dinâmicos do país: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Alguns autores abordam a dinâmica econômica regional brasileira nos anos 1990 apontando para a reconcentração industrial. Tânia Bacelar de Araújo indica algumas mudanças da década de 1990 relevantes como a política de abertura comercial, a priorização à integração competitiva, as reformas profundas na ação do Estado, a implementação da estabilização monetária, e, reestruturação produtiva promovida pelo setor privado. Segundo a autora, nesse contexto atuariam algumas forças indutoras da desconcentração espacial das atividades como mudanças tecnológicas e logísticas, proximidade com o cliente final, incentivos locais, etc. E atuariam também forças concentradoras dos investimentos nas áreas mais dinâmicas do país como, melhor oferta de recursos humanos qualificados, proximidade com os centros de produção de conhecimento e tecnologia, presença de eficiente infra-estrutura econômica e proximidade com os mercados consumidores de alta renda. A autora ressalta também a inserção passiva do Brasil na economia global, ou seja, frente às estratégias das grandes empresas frente ao cenário da globalização.

“A nova organização dos espaços nacionais tende a resultar da dinâmica de produção regionalizada das grandes empresas (atores globais) e da resposta dos Estados Nacionais para enfrentar os impactos regionais seletivos da globalização” (ARAÚJO, 1999, p. 147)

↳ Aproximie

Clélio Campolina Diniz identificou num trabalho sobre a geografia econômica do Brasil, também tendência à reconcentração do dinamismo econômico e as tendências e preferências locacionais das indústrias por determinados lugares no Brasil. As regiões mais ricas e industrializadas seriam as beneficiadas porque deteriam mão de obra qualificada, produção de tecnologia e conhecimento, infra-estrutura, mercados de alta renda e uma rede de serviços urbanos avançados. O autor descreve a trajetória de

concentração das atividades econômicas em São Paulo, estados do sudeste e do sul, até a década de 1960, para uma seguinte desconcentração promovida pelo Estado brasileiro e para uma reconcentração a partir dos anos 1990 na região centro-sul. Segundo o autor as indústrias mais dinâmicas que geram uma cadeia de desenvolvimento interindustrial, como as indústrias química, metalmeccânica e eletroeletrônica, além das indústrias modernas e avançadas da nova tecnologia flexível estão situadas na sua maioria na região centro-sul do Brasil. Com a retirada do Estado brasileiro na intervenção do processo de desenvolvimento econômico, e com o advento das privatizações, o que ocorre é uma reiteração do crescimento econômico nos antigos eixos dinâmicos do Brasil. Relacionando o caso do presente trabalho sobre os investimentos industriais no Estado do Rio com as assinalações feitas por Tânia Bacelar de Araújo e por Clélio Campolina Diniz, é possível interpretar os resultados obtidos conforme analisado nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objeto de estudo do presente trabalho, os investimentos industriais no Estado do Rio de Janeiro, de 1997 a 2005, a partir de análise de documentos da FIRJAN, cumpre frisar que:

- A maior participação percentual nos investimentos industriais previstos no ERJ, conforme assinalado na seção 1, é dos Consórcios (CSN, Rio Polímeros e Petroflex), seguido da participação das empresas estrangeiras, e por último das brasileiras. Os consórcios mantiveram-se próximos a 50% em todo o período, enquanto as estrangeiras mantiveram-se nos 40% e as brasileiras somente em 12%.
- Em termos de localização dos investimentos, as regiões mais contempladas foram: o Sul Fluminense, as Baixadas e a Capital. As regiões Leste, Serrana, Centro-Norte e Norte também apareceram, porém com montantes de investimentos de portes bem menores. É importante atentar para o fato de não estar em questão o setor de Indústria Extrativa, somente de Indústria de Transformação, razão pela qual a região Norte não aparece na análise. E quanto à região Noroeste, esta realmente não apareceu em nenhum momento da análise.

Relacionando as duas seções é possível sugerir que:

- Como há grande participação de empresas estrangeiras nos investimentos industriais, inclusive considerando que os Consórcios são formados por capital nacional e

internacional e, portanto, que as decisões de investimento podem estar relacionadas com a lógica do capital internacional, já que as matrizes das empresas que tomam decisões estão fora do país, o poder determinante do governo do estado, embora exista em alguma medida, fica bastante reduzido.

- Quanto à distribuição de investimentos ao longo dos municípios e regiões do ERJ, o governo estadual também tem reduzida capacidade de determinação, uma vez que, conforme mostrado, os municípios que mais são beneficiados estão localizados em trechos que oferecem maior rentabilidade, que são justamente aqueles em que há algumas décadas receberam atenção do governo federal, criando alguma dinamização e que estão situados em dois eixos, entre os mais importantes economicamente do país – Rio-SP e Rio-JF. Dessa forma se confirma a percepção da “desconcentração concentrada” da atividade industrial, ou seja, investimentos industriais contemplando somente poucos pontos concentrados do território fluminense, mostrando também a prevalência dos antigos requisitos de localização combinados (mercado de consumo, infra-estrutura, mão-de-obra, tecnologia). A localização atenderia critérios de rentabilidade, seguindo a lógica do mercado, o que está perfeitamente de acordo com o contexto da retirada do Estado da economia e da adoção das privatizações.

Isto é, o Estado do Rio de Janeiro, que conforme assinalado na seção 2.1, tem forte presença no quadro das privatizações, e além de tudo compõe o trecho mais dinâmico do Brasil, comporta como municípios mais dinâmicos aqueles situados numa área de interesse do mercado, aquela que cumpre com as exigências de mercado, mão de obra, tecnologia, infra-estrutura, etc. Isso significa dizer que os investimentos industriais são decididos pela lógica do mercado e o governo estadual do Rio teria apenas um papel passivo diante deste quadro, tão somente reforçando as tendências de mercado. O discurso do governo estadual, bem ilustrado na declaração do Secretário de Estado, Wagner Victor, quando comentava os novos investimentos no Pólo de Gás-Químico dizendo “*O governador Anthony Garotinho teve um papel central na implantação do Pólo*” (Jornal do Brasil, junho de 2005), em seguida referindo-se aos incentivos fiscais do governo do Estado na atração de recursos frisa o papel determinante do governo estadual, no entanto, embora em alguns casos esses incentivos tenham um papel fomentador, cabe questionar o quanto seriam determinantes no crescimento econômico e industrial do estado, tendo em vista as análises feitas no trabalho.

nesta produção
há enfatiza-
ção na
questão de
incentivos
ambíguos
H.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Por uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, vol.30, n.2, pp.144-161, abr/jun. 1999.

ARAÚJO, Vitor Leonardo de. **Um estado fundido**: contribuições para o debate em torno da “desfusão” dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. In Revista Econômica. Niterói, v.7, n.1, p.5-33, junho.2005.

DINIZ, Clélio Campolina. **A nova geografia econômica do Brasil**: condicionantes e implicações (mimeo). Texto elaborado para o XXII Fórum Nacional, promovido pelo Instituto de Altos Estudos, Rio de Janeiro, 15 a 17 de maio de 2000.

FIRJAN. **Decisão Rio. Documento sobre investimentos no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Quarta Edição, Setembro / 1997.

_____ **Decisão Rio. Documento sobre investimentos no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Quinta Edição, 1999.

_____ **Decisão Rio. Documento sobre investimentos no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2003.

NATAL, Jorge Luiz Alves. **O Estado do Rio de Janeiro Pós 95**. Rede Urbana, Dinâmica Econômica e Questão Social. Rio de Janeiro: Publicati, 2005.

_____ **As Estatais, a Privatização e a Economia Fluminense** (mimeo). Rio de Janeiro: IPPUR / UFRJ, 2006.

VICTER, Wagner Granja. **Pólo Gás Químico**: o sonho começou. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2005.

Anexo

Tabela 1: Investimentos Industriais Previstos em 1997-1999

EMPRESA	País de origem	Investimentos (US\$ 1000)	Localização
CSN - Galva Sud S. A., Companhia Metalic Nordeste, CSN LLC, Lusosider, INAL, Sepetiba Tecon S. A, CFN, CSN energia S. A, CSN Cimentos	Consórcio de empresas nacionais e internacionais	1.300.000	Volta Redonda
Rio Polímeros - Petrobrás Química, BNDESPAR, Unipar, Susano Petroquímica	Consórcio de empresas estatais e privadas	800.000	Duque de Caxias
Peugeot	França	600.000	Porto Real
Alcatel	França	200.000	Rio de Janeiro
Gerdau / Consigua	Brasil	180.000	Rio de Janeiro
Guardian Industries Corp	EUA	130.000	Porto Real
O GLOBO	Brasil	120.000	Duque de Caxias
Volkswagen	Alemanha	100.000	Resende
Glaxo Wellcome	EUA	98.000	Rio de Janeiro
Procosa	França	80.000	Rio de Janeiro
Latasa	EUA	60.000	Rio de Janeiro
Michelin	França	60.000	Rio de Janeiro
Cimobras	Brasil	50.000	Queimados
Generalli Refrigerantes	EUA	50.000	Queimados
Prosint	Brasil	50.000	Rio de Janeiro
Rio de Janeiro Refrescos	EUA	50.000	Rio de Janeiro
Holdercim	Suíça	50.000	Cantagalo
White Martins	EUA	50.000	Volta Redonda
Almax Alumínio	não identificado	38.000	Rio de Janeiro
Messer Grieshein	Alemanha	30.000	Belford Roxo
Bergitex	Brasil	25.000	Nova Iguaçu
Knoll/Basf	Alemanha	24.000	Rio de Janeiro
GE Celma	EUA	21.000	Petrópolis
Bayer	Alemanha	20.000	Belford Roxo
Metalúrgica Rheem	não identificado	20.000	Resende
Estaleiro Niterói	não identificado	20.000	Niterói
Rio Gás	Não identificado	20.000	Duque de Caxias
AGA	Suécia	15.000	Rio de Janeiro
Alcoa Alumínio	EUA	15.000	Queimados
Petroflex - Susano, Copene, Unipar	Consórcio	15.000	Duque de Caxias
Sola	Austrália/EUA	15.000	Petrópolis

Fonte: FIRJAN – Decisão Rio (1997, pgs. 12 e 13)

Tabela 2: Investimentos Industriais Previstos em 1999-2001

EMPRESA	País de origem	Investimentos (US\$ 1000)	Localização
CSN	Consórcio de empresas	1.250.000	Volta Redonda
RioPolimeros	Consórcio de empresas	800.000	Duque de Caxias
Peugeot-Citroen	França	600.000	Porto Real
Estaleiro Mauá	Cingapura	400.000	Rio, Niterói e São Gonçalo
Galvasud	100% controlada pela CSN	290.000	Porto Real
Cintra	Portugal / Espanha	250.000	Pirai
Schincariol	Brasil	210.000	Cachoeiras de Macacu
Messer Grieshein	Alemanha	190.000	Belford Roxo
Grupo Libra / Verolme	Brasil	152.542	Angra dos Reis
Gerdau	Brasil	146.087	Rio de Janeiro
Smith Kline	Inglaterra	134.000	Rio de Janeiro
Novartis	Suíça	100.000	Resende
Cyanamid	EUA	60.700	Resende
Bayer	Alemanha	50.000	Belford Roxo
White Martins	EUA	50.000	Volta Redonda
Knauf	Alemanha	50.000	Queimados
O GLOBO	Brasil	48.000	Duque de Caxias
Holdercim	Suíça	45.000	Cantagalo
Xérox	EUA	41.000	Itatiaia
Cimobras	Brasil	35.000	Queimados
British Borneo	Inglaterra	31.000	Campos
Belfam Wella	Alemanha/ EUA	30.000	Rio de Janeiro
Knoll	Alemanha	29.300	Rio de Janeiro
Ficap	Chile	26.000	Rio de Janeiro
Vulcan	Brasil	26.000	Rio de Janeiro
Sanofi Winthrop	França	25.000	Rio de Janeiro
Pirelli	Itália	25.000	Arraial do Cabo
Procosa	França	22.857	Rio de Janeiro
Sano	não identificado	22.000	Nova Iguaçu
Wickbold	Brasil	21.300	Rio de Janeiro
GECelma	EUA	20.575	Petrópolis
Grupo Dreams	não identificado	20.000	Queimados
Centralli Refrigerantes	EUA	20.000	Rio de Janeiro
CYS	Espanha / EUA	15.255	Duque de Caxias
Belco	Brasil	15.000	Rio Bonito
Estaleiro Promar	Noruega	14.000	Niterói
MPE	não identificado	13.158	Campos
Instituto Bioquímico	Brasil	12.712	Itatiaia
Glaxo	EUA	10.000	Rio de Janeiro
Paquera Refrigerantes	Brasil	9.323	Magé
Nestlé	Suíça	8.000	Barra Mansa

Fonte: FIRJAN – Decisão Rio (1999, pgs. 12 e 13)

Tabela 3: Investimentos Industriais Previstos em 2003-2005

EMPRESA	País de origem	Investimentos (US\$ 1.000)	Localização
Rio Polímeros S.S	Consórcio	663.000	Duque de Caxias
CSN	Consórcio	300.000	Volta redonda
Volkswagen	Alemanha	276.074	Resende
Siderúrgica Barra Mansa	Brasil	156.374	Barra Mansa
Glaxo Smith Kline	Inglaterra	51.166	Rio de Janeiro
Gerdau	Brasil	34.020	Rio de Janeiro
Rio de Janeiro Refrescos S.A	Eua	21.472	Rio de Janeiro
Sonoco	Eua	18.000	Resende
Minerações Brasileiras Reunidas S/A	Brasil	15.337	Mangaratiba
Thor Granitos	Brasil	15.000	Itaboraí
Sanofi-Synthelabo Ltda.	França	11.053	Rio de Janeiro
Brassumo	Grupo MPE	10.736	Campos
Holcim	Suíça	9.800	Cantagalo/Magé
Petroflex - consórcio privado	Brasil	6.594	Duque de Caxias
Lapidação Amsterdam S/A	Brasil	3.037	Rio de Janeiro
Alpha Omega Imp. Exp.	não identificado	2.607	Rio de Janeiro
Ficap S/A	Chile	2.500	Rio de Janeiro
Techlabor	não identificado	2.094	São Gonçalo

Fonte: FIRJAN -- Decisão Rio (2003, pgs. 14 e 15)

Divisão regional do Estado do Rio de Janeiro, segundo a FIRJAN:

- **Capital:** Rio de Janeiro
- **Região Norte Fluminense:** São Francisco de Itabapoana, São João da Barra, Cardoso Moreira, Campos dos Goytacazes, São Fidélis, Quissamã, Carapebus, Conceição de Macabu e Macaé
- **Região Noroeste Fluminense:** Porciúncula, Varre-Sai, Natividade, Bom Jesus de Itabapoana, Italva, Laje do Muriaé, Itaperuna, São José de Oab, Cambuci, Miracema, Santo Antonio de Pádua, Aperibé, Itaocara
- **Região das Baixadas:** Nova Iguaçu, Nilópolis, Mesquita, Japeri, Queimados, Paracambi, Seropédica, Itaguaí, Mangaratiba, Paty dos Alferes, Miguel Pereira, Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Guapimirim
- **Região Centro-Norte Fluminense:** São Sebastião do Alto, Santa Maria Madalena, Cantagalo, Macuco, Trajano de Moraes, Cordeiro, Carmo, Duas Barras, Bom Jardim, Sumidouro, Nova Friburgo, Teresópolis.
- **Região Sul Fluminense:** Rio das Flores, Valença, vassouras, Barra do Piraí, Pinheiral, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Quatis, Barra Mansa, Volta Redonda, Piraí, Rio Claro, Porto Real, Resende, Itatiaia, Angra dos Reis e Parati.
- **Região Serrana:** Comendador Levy Gasparian, Sapucaia, Três Rios, São Jose do Vale do Rio Preto, Paraíba do Sul, Areal e Petrópolis.
- **Região Leste Fluminense:** Rio das Ostras, Casimiro de Abreu, Cabo Frio, Armação de Búzios, Silva Jardim, Araruama, São Pedro da Aldeia, Arraial do Cabo, Iguaba Grande, Cachoeiras de Macacu, Rio Bonito, Tanguá, Saquarema, Itaboraí, Maricá, São Gonçalo, Niterói.